

Maurice Feldman
Reeducação dos Alemães
Correio da Manhã (Rio de Janeiro, BRA)
19.10.1946

Original:
Signatur: R-A 2.1.016/010

Reeducação dos Alemães

Remarque acha que deve ser obra do próprio povo

Nova York, O.N.A. (Por Maurice Feldman, especial para o «Correio da Manhã») – O próprio povo alemão é que tem que empreender o processo de sua reeducação, pois essa é uma tarefa «quase impossível para os aliados», afirma Erich Maria Remarque, o famoso novelista que se exilou voluntariamente em 1931, e que declarou à O. N. A. numa entrevista, que, embora visite a Alemanha este inverno, não tenciona voltar a residir nesse país. Remarque, cuja condenação da guerra tanto chocou os nacionalistas germanicas, chegando a provocar demonstrações publicas, falou ardentemente sobre a questão da reeducação do povo alemão.

«Não há nenhuma verdadeira educação de um povo pela força de outro povo», advertiu ele. «Os generais aliados, por melhores que sejam suas intenções, não podem ›reeducar‹ toda uma população, segunda a maneira de ver dos norte-americanos. A transformação do povo somente é possível operarse dentro do país e pelos próprios alemães. A contricuição que os aliados podem oferecer para a democratização da Alemanha é dar um bom exemplo em seus próprios países e apoiar ativa e energicamente todos os alemães que arriscaram suas vidas na luta contra o fascismo internacional, dentro e fora do país», acrescentou ele. «Depois do Natal, quero ir á Suiça e depois á Alemanha para estudar as alterações que se verificaram. Mas não voltarei a viver lá. Quero ver até que ponto o fascismo foi capaz de influencia a cultura e o pensamento».

Falando sobre a questão da culpabilidade do povo alemão, como um todo, pelos crimes do regime de Hitler, declarou:

«Não sou de parecer de que todos os alemães devem ser classificados como fascistas. Perdi uma irmã e muitos amigos que foram assassinados pela Gestapo. E' verdade, entretanto, que a esmagadora maloria dos alemães deve ser levada a se sentir voluntariamente responsavel pela matança, pela ocupação de outros países e pelo assassinato de seis milhões de membros da comunidade religiosa judaica».

Fala depois das dificuldades do escritor arrancado do seu ambiente, á base de sua propria experiência, nos seus anos de exílio.

«O escritor num país estrangeiro», observa ele, «tem que mover uma dupla luta – por sua existência espiritual e por seu trabalho. O intelectual alemão, que não tem ligação com sua patria e para quem o exilio se tornou uma situação permanente, é como o combatente da frente, que não tem retaguarda. Não pode, como sucederia se estivesse em sua terra, beber nas ricas, vividas e refrescantes fontes nacionais. Durante 13 anos, um escritor germanico não pode ver seus livros publicados em seu proprio país. Quase invariavelmente é forçado a fazê-los

traduzir. Nenhuma tradução se compara com a língua original. O ritmo e o som da língua são coisas que não se podem traduzir. Muitos homens e mulheres das profissões liberais continuaram seu trabalho no exílio. Médicos, engenheiros e professores submeteram-se a exames e tiveram exílio na terra de sua escolha. Outros refugiados mudaram de profissão, por vezes já em idade avançada, a fim de assegurar um ganha pão. Para o escritor, as coisas não são tão fáceis. Ele não pode, simplesmente, reconverter-se. Não pode de um salto entrar na literatura do país de sua escolha. Seus problemas eram europeus. Em meu caso, eles eram especificamente alemães. A Alemanha, entretanto, passou por baixo do rolo de engomar fascista e o escritor não podia saber se as nações que tinha do seu país natal teriam alguma significação, depois do fascismo. O âmbito do seu trabalho tornou-se muito estreito, a não ser que ele se ocupasse com temas históricos. A Alemanha, como ele a conhecia, deixou de existir e as informações que lhe chegavam sobre a Alemanha, nesses 13 anos, enchiam-no de horror e ódio. Restava ainda o pequeno reino da emigração, que é rapidamente explorado e não tem raízes. Muitos escritores, sujeitos a essa opressão, caíram em silêncio. Outros procuraram encontrar novos motivos num passado muito distante. Os suicídios de Ernest Toller e Stefan Zweig são sintomas desse problema. Há ainda as grandes preocupações materiais. Famosos escritores em seus países não conseguiram encontrar um editor no estrangeiro. Alguns intencionalmente eram intraduzíveis. Além disso, os jornais, atropetados de acontecimentos, não se ajustam aos meses de contemplação e de concentração espiritual que são necessários para escrever um livro.

Com vistas ao futuro e aos seus próprios planos, disse: »O destino fez de nós cidadãos do mundo. Os EE. UU., são uma excelente escola. A gente se liberta dos preconceitos, amplia a visão, absorve muitas coisas. É uma dura escola, mas quem se »formou« nela lucrou muito. Os EE. UU., aceitaram os refugiados como iguais, permitindo-lhes trabalhar, torhar-se cidadãos. O resultado é que muitos dos melhores europeus nas artes são agora norte-americanos.

Eu, pessoalmente, tenciono viver na Europa e nos EE. UU., provavelmente em Nova York e Suíça, nesta última para estar em contacto com o Continente e na primeira para aprofundar raízes nos EE. UU. A proximidade e a distância fazem uma boa combinação.

O período da destruição passou. É preciso começar a construção. Falar com cinismo sobre países que perderam milhões de vidas humanas e cujas cidades foram destruídas, é vulgaridade barata. É preciso crer no futuro, num futuro melhor.

»O mundo quer paz, a despeito de certos políticos. E o mundo quer ter novamente as coisas em que a gente acreditava. Encontrar essas coisas e descrevê-las é a missão do escritor alemão em nosso tempo. Trata-se sempre dos problemas mais simples – humanidade, compreensão, progresso, disposição para ajudar. O homem é bom, apesar de tudo. Se assim não fosse, a bomba atômica seria a solução mais simples«.